

O PROCESSO DE IDENTIDADE E CULTURA QUILOMBOLA

David Carlos Fernandes¹; Eduardo Maciel Neto². Graduando em Bacharel no curso de Psicologia¹; Graduando em Bacharel no curso de Psicologia². Autor¹; Co-autor².

Historicamente nosso país se tornou um centro de diversas linguagens, culturas e etnias. Nossa sociedade atual se constitui acerca deste emaranhado de relações e contextos que foram trazidos e produzidos por esses povos, assim como os já existentes em nossas terras. De todos os povos que fizeram parte deste marco em nosso país, este estudo irá trabalhar especificamente com os povos Quilombolas. Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca dos povos Quilombolas e para articular uma melhor compreensão sobre a realidade desses sujeitos com o que temos em nossa literatura nacional foi realizada uma entrevista com o chefe de uma comunidade quilombola. Foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do tema, ao qual foi realizada uma busca de artigos científicos em nossa literatura nacional e uma pesquisa descritiva também foi realizada, ao qual foi elaborada uma entrevista semi-estruturada para uma complementação da discussão do tema. Conforme encontrado na literatura e acerca da entrevista realizada com o Sr. Chico da comunidade quilombola de Pacujá foi encontrado traços simbólicos e culturais bastante pertinentes acerca de sua história e cultura que atravessam anos de luta. O debate sobre esses povos é de uma importância altamente significativa tanto para o campo acadêmico, científico quanto para a promoção de saúde e qualidade de vida das comunidades quilombolas. Sendo assim, pode-se concluir com este estudo que todos nós devemos pensar acerca dos problemas vividos pelas comunidades quilombolas, visto como um movimento de valorização a suas heranças africanas que compuseram e tornaram-se constituintes da população brasileira.

Palavras-chave: Quilombola; Psicologia; Identidade.

Introdução

Todos nós sabemos e conhecemos pelo menos de forma mínima um pouco sobre a nossa história ao que se refere à construção como sociedade e processos de socialização que foram transformados durante o descobrimento e desenvolvimento de nosso país no período de colonização. Historicamente nosso país se tornou um centro de diversas linguagens, culturas e etnias. Nossa sociedade atual se constitui acerca deste emaranhado de relações e contextos que foram trazidos e produzidos por esses povos, assim como os já existentes em nossas terras. Nossa cultura e identidade como um povo ou nação brasileira decorrem de todo esse processo que perpassa nas relações de diversas características como: linguagem, religião, hábitos e comportamentos. De todos os povos que fizeram parte deste marco em nosso país, este estudo irá trabalhar especificamente com os povos Quilombolas (SILVA & SILVA, 2015).

Os quilombolas atualmente assim nomeados são comunidades descendentes dos escravos que aqui foram trazidos para trabalhar nas grandes fazendas e construções no período colonial. Vindos do continente africano, esses escravos passavam por uma série de maus tratos tanto física quanto psicológicas, ao qual não se encontrava outra solução que não fosse trabalhar ou morrer. Diante de tanto sofrimento grupos ou sujeitos solitários buscavam escapar de todo o cerco aversivo que era vivenciado cotidianamente, uma vez que estes não eram capturados ou mortos, passaram a tentar conviver em espaços em meio à floresta, matos ou vegetações que pudessem se esconder e tentar viver fora da escravidão. Esses locais de resistência assim foram denominados de Quilombo (SILVA, 2009).

A história dos Quilombolas se marca em diversos momentos de lutas, resistência e conquista. Em suma a mais importante se dá a batalha de Quilombo de Palmares, liderado por Zumbi dos Palmares. Mesmo após a

abolição da escravatura de 1888, muitos quilombos permaneceram em atividade, o que posteriormente deu-se origem as comunidades quilombolas que atualmente segundo o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) se totalizam mais de três mil comunidades por todo o Brasil. As comunidades quilombolas se tratam de um núcleo com a missão de cobrar do Estado Brasileiro, a dívida que se decorre com relação aos descendentes dos escravos, estes que fizeram o progresso do Brasil por três séculos de escravidão (ABREU, 2010).

Os integrantes dessas comunidades quilombolas possuem fortes laços culturais, mantendo suas tradições, práticas religiosas, relação com o trabalho na terra e sistemas de organização social próprio, assim como sua identidade subjetiva advinda de seus antepassados. Até hoje os quilombos são símbolos nas lutas pela inclusão social dos negros no país, os quilombos representaram uma das formas de resistência e combate à escravidão (SILVA e NASCIMENTO, 2012).

Suas lutas permanecem até hoje, antes por condições de vida mais humanas, hoje por ter direito a um local próprio para sua comunidade e por igualdade social sendo o principal o respeito por sua etnia e história. Com isso,

O negro foi exposto a um mundo social que se organizou para segmentos privilegiados da raça dominante. Ele não foi inerte a esse mundo. Doutro lado, esse mundo também não foi imune ao negro [...]. O negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como “igual”. (FERNANDES. p.33, 2007 apud SILVA e SIMIONATTO. P. 5, 2010).

É preciso entender que nosso processo de formação como sociedade e urbanização perpassa por alguns processos, sendo um dos mais importantes a nossa deculturação. Nesse período de colonização e construção do desenvolvimento do país, temos a desindianização dos povos locais e desafricanização dos escravos. A partir destes pontos temos dois modelos de formação em nossa colônia: o Brasil urbano representado pela “modernidade”, cultura, revolução científica, porem com diversos problemas em contextos sociais, expressados sob forma de violência, segregação racial e preconceito. O segundo Brasil seria o rural, bastante menor em relação a população total da época, porem com uma importância essencial na preservação no que condiz aos seus elementos culturais que permeiam e se destacam na identidade da cultura brasileira (RIBEIRO, 2004 apud ABREU, 2010).

Diante do contexto apresentado e encarando a realidade social em que estamos inseridos, podemos perceber o quanto nossa sociedade mudou, porém alguns resquícios da era colonial ainda se fazem presente só que em aspectos mascarados, estaria assim as comunidades quilombolas após todo um processo histórico sendo capazes de lidar com todos os aversivos que a sociedade moderna opõe? Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca dos povos Quilombolas e para articular uma melhor compreensão sobre a realidade desses sujeitos com o que temos em nossa literatura nacional foi realizada uma entrevista com o chefe de uma comunidade quilombola.

Metodologia

Para a elaboração deste estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do tema, ao qual foi realizada uma busca de artigos científicos em nossa literatura nacional na plataforma digital Scielo que estivessem entre o período de 2009 a 2015 e que continham em seu título algumas das palavras-chave: Quilombola, Identidade e Psicologia. A busca gerou um total de oito artigos científicos, atendendo ao critério de seleção.

Uma pesquisa descritiva também foi realizada, ao qual foi elaborada uma entrevista semi-estruturada para uma complementação da discussão do tema. A entrevista completa está descrita e disponibilizada em anexo.

Esta entrevista ocorreu com o líder de uma comunidade Quilombola residente na cidade de Pacujá, interior do Ceará.

Resultados e Discussão

Conforme encontrado na literatura e acerca da entrevista realizada com o Sr. Chico da comunidade quilombola de Pacujá foi encontrado traços simbólicos e culturais bastante pertinentes acerca de sua história e cultura que atravessam anos de luta. Abreu (2010) relata que uma das principais características das comunidades de quilombo são a produção e prática de agricultura, tanto para alimentos quanto criações de animais. Visto que de acordo com as informações presentes na entrevista tem-se essa característica presente nas comunidades como uma forma autônoma de se desenvolver entre os próprios membros da comunidade, assim como o estabelecimento de vínculos sócio-afetivos que são construídos diante deste contexto.

Com relação aos costumes de seus ancestrais e seus hábitos atuais, Sr. Chico relata em sua fala: “-todos, praticamente quase todos eles quilombolas e algumas mudanças que vieram junto com os Srs. Né que a gente teve que se adaptou também as partes dos Senhores”. Tal relato nos remete a compreender as formas como os escravos tinham que se adaptar a um novo ambiente e as normas impostas pelos senhores de engenho, fazendo com que sua cultura se modifica-se ou modela-se conforme era possibilitado nas fazendas. Essa cultura de característica africana se estabelece durante anos formando e/ou transformando assim um novo ambiente social frente as mudanças sociais que ocorrem no centros urbanos e espaços rurais, acerca disto se da em uma resposta de Sr. Chico: “-? A respeito de alguns hábitos lá do passado, foi alguns desviados e é difícil de resgatar, porque eu acho que é muito difícil de resgatar esse aí, por exemplo, prestar aqueles trabalhos do pioneiro, que presta na Bahia, assim como você aquelas baianas e tudo enquanto de orixá, mais ou menos assim, esse daí que fica mais difícil de resgatar, não tô dizendo que é impossível, mas é mais difícil”.

A cultura pode ser entendida de diversas formas dependendo do contexto ao qual é analisada, de acordo com Mathews, 2002 (apud FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014 p.107) “A cultura é o que nos faz e nos torna o que somos ao crescermos em um determinado ambiente (...)”. Esse contexto histórico se da de forma única e autêntica do ambiente em que determinado povo se constitui e resiste a globalização da sociedade. Ainda segundo Furtado; Pedroza; Alves (2014) quando falamos de cultura devemos compreendê-la como um espaço simbólico ao qual possibilita que os sujeitos deste contexto possam perpassar por um complexo relacionamento social capaz de apresentar significados via práticas, valões, signos e símbolos.

De acordo com Silva (2009) diversas lutas estão em evidencia no que se diz respeito a posse de terras. Desde o período Colonial quando escravos alforriados obtinham terras via compra ou quando estas eram doadas por donos de engenho que estavam em falência, ao contrario de alguns os demais quilombolas se encontravam em terras “livres” que posteriormente conforme a globalização e avanços sociais foram se tornando em direitos civis e burocráticos terras de novos donos que assim passaram a reivindicar seu espaço, desalojando as comunidades de seus quilombos.

Ainda conforme Silva (2009) as diversas resistências dessas comunidades quilombolas tem se dado a luta por seus direitos a igualdade, liberdade e cidadania acerca da posse de terras, sendo assim considerado sagrado e formador de sua própria identidade e cultura histórica. Visto isto, se afirma com a fala do entrevistado quando perguntado sobre as terras que eles residem atualmente: “- nos não se apropriamos, nos lá no passado, no tempo do meu avo, que foi carro-chefe dessa família, e ele ganhou este terreno do Sr. dele, e ele deu esse pedaço da propriedade cuma hoje nós moramos lá. Quando veio lá aquela época da medição das terras, a gente não tinha dinheiro, quem teve dinheiro foi dono desse terreno”.

Em um dado momento da entrevista, quando perguntado sobre a identidade quilombola e preconceito Sr. Chico traz a seguinte frase: “- eu fico envergonhado é de um negro querer ser branco, querer ser outra cor quando a sua pele já denuncia ele, quem ele é. Isso é que me envergonha. Pra mim é um orgulho ser negro e

ver que a riqueza desses pais tem sido construída toda pelos braços do homem negro, toda essa riqueza (...)” diante desta fala é visível à percepção sobre sua identidade histórica que se aplica com estudos como de Almeida e Santana (2012) que retratam uma leitura sobre a identidade de auto-reconhecimento de seu pertencimento a sua comunidade quilombola. Quando esta identidade é correlacionada a este sentimento de pertencimento podemos compreender que esta identificação se entrelaça na sua história e cultura.

Conforme Gohn o sujeito quando membro de uma comunidade e interliga sua identidade com o reconhecimento, ele se inicia em um processo ao quais suas ações sejam elas de forma coletiva ou individual passam a fazer sentido e assim indivíduos passam a ser denominados de sujeitos. Os quilombolas enquanto sujeitos passam a perceber suas ações se comprometendo a este processo interagindo com suas produções simbólicas e históricas produzindo assim novos significados, uma vez que se têm mudanças socioculturais acontecendo tanto fora quanto dentro da própria comunidade (2008, p.32. apud ALMEIDA e SANTANA, 2012. p. 8).

Mesmo que o foco desta pesquisa seja os povos quilombolas, historicamente precisamos recordar que nos quilombos, não eram em exclusividade somente negros fugitivos, mas índios, andarilhos entre outros que viviam em situações parecidas e se alojavam nos quilombos. De acordo com Furtado, Pedroza e Alves (2014) esses espaços de refugio e convivência possibilitava o encontro de diversos sujeitos, cujas condições e culturas eram próximas, embora não fossem da mesma região. Muitos quilombos estabeleciam comunicação com comunidades próximas a eles, devido a isso a sua localização da comunidade era sempre em geral em espaços pertos o suficiente para seu refugio e assim possibilitando trocas de mercadorias, mesmo que isso se ocorre de forma ilegal com o comercio local. Sr. Chico comenta sobre esse tema da seguinte forma: “- (...) às vezes eu converso com as pessoas e digo, olha uma diferença por que a nação negra ao vir pro Brasil é tão grande e a do índio não é. Por que lá nos nossos descendentes vieram escravizados pra cá, o índio já era dono do Brasil e este foi expulso, toda parte do Brasil tinha índio, você vê que a nação indígena e bem pouquinho, por quê? Por que os que não se assujeitaram eles mataram”.

Considerações Finais

O presente estudo traz a necessidade de se estudar e investigar a contextualização acerca da historia que se faz rica e importante para a nossa compreensão de como somos esta sociedade atual. A luta por seus direitos em qualquer campo ou esfera social dos povos quilombolas também é nossa luta como cidadãos e sociedade, a luta contra o racismo, igualdade social e por seus direitos humanos se torna presente assim como em outros diversos povos, que a muito vem tentando ter seus direitos de forma digna.

O debate sobre esses povos é de uma importância altamente significativa tanto para o campo acadêmico, científico quanto para a promoção de saúde e qualidade de vida das comunidades quilombolas. Mas é necessário atentar que mesmo que as comunidades tenham obtidos conquistas importantes ao longo dos anos, é preciso reconhecer que ainda se necessita avançar mais ainda nessas lutas. É perceptível nas midas que a conquista de seus territórios é fundamental, porem não é completamente suficiente para que seja possível elaborar um desenvolvimento socioeconômico desses povos, sendo assim necessário uma intervenção mais aguçada das políticas públicas em suas diversas abrangências.

Todas as formas de manifestações acerca das populações de quilombolas não podem ser expostas ou observadas pelas autoridades governamentais como algo isolado de determinada região em época especifica, mas sim deve haver um plano de ação que inclua ações, metas, planejamento de recursos e programação dentro dos planos de políticas públicas.

Sendo assim, pode-se concluir com este estudo que todos nós devemos pensar acerca dos problemas vividos pelas comunidades quilombolas, visto como um movimento de valorização a suas heranças africanas que compuseram e tornaram-se constituintes da população brasileira. Com esta perspectiva não se deve deter em uma tentativa de homogeneizar a população acerca de uma falsa democracia racial que é exposta em mídia,

mas sim aceitar que todas as heterogeneidades são fundamentais e importantes e assim devem ser valorizadas em todos os âmbitos e respeitadas de forma digna e humana.

Referência

ABREU, E. L. B. Identidade cultural: Comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia em questão. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8, fev. 2010.

ALMEIDA, C. SANTANA, A. C. Identidade Quilombola e reconhecimento étnico: uma abordagem conceitual dos estudos culturais em comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Chapecó - SC – 31/05 a 02/06/2012.

BATISTA, P. C. Políticas Públicas Culturais Para Construção da Identidade Quilombola. CELACC/ECA – USP 2011.

FURTADO MB, PEDROZA RL & ALVES CB (2014) Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicol Soc* **26**, 106–115.

SILVA, G. S.; SILVA, V. J. **Quilombos Brasileiros:** Alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014.

SILVA, J. M. S. Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias. Revista Palmares - Cultura Afro-brasileira. A FCP chega aos 21 anos - Tempo de cidadania e diversidade. Ano V, n. 5, ago. 2009.

SILVA, S. R. NASCIMENTO, L. K. Negros e territórios quilombolas no Brasil. Cadernos CEDEM, V.2012; 3(1):23-37.

SOUZA, A. C. A Luta Pela Garantia Dos Direitos Quilombolas E As Políticas Públicas De Ação Afirmativa: Limites E Desafios. Monografia, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Curso de Especialização em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais, 2010.